

Reservei o primeiro domingo deste expressivo mês de dezembro para uma demorada visita a D<sup>a</sup> Luísa Leite de Sousa, ilustre esposa de meu saudoso amigo Cláudio de Sousa, um dos mais notáveis e fecundos de nossos escritores, cujo recente falecimento causou profunda consternação em todos os meios culturais do país e do estrangeiro.

Foi grande a minha emoção ao penetrar de novo naquele ambiente confortável e acolhedor, onde, em outras ocasiões, passei momentos tão agradáveis, ouvindo a palestra sempre sedutora do inesquecível autor de *Mulheres Fatais* que, com a sua maneira toda especial de dizer as coisas, rememorava episódios interessantes de suas viagens à Europa e ao Oriente e narrava-me fatos curiosos de sua vida de escritor.

Dona Luisinha, como é mais conhecida na intimidade, recebeu-me com gentileza cativante, a despeito de seu profundo abatimento moral.

Ao ter conhecimento do meu propósito de escrever uma obra sobre a vida gloriosa de Cláudio de Sousa, colocou à minha disposição não só os volumosos albuns de fotografias, que ela própria organizara com tanto capricho e carinho, como também o arquivo íntimo e as obras inéditas de seu pranteado espóso.

Ali permaneci por mais de duas horas, a colher as necessárias informações sobre o ilustre polígrafo, a examinar as suas obras ainda não conhecidas, que se empilhavam a um canto do salão e a ler as inúmeras cartas que lhe eram dirigidas por notáveis escritores nacionais e estrangeiros.

Vi cartas de Gabriela Mistral, de Júlio Dantas, de André Maurois, de Leopoldo

Stern, de Stefan Zweig e de tantos outros intelectuais famosos de todas as partes do mundo.

De Zweig, seu amigo muito íntimo, transcrevo aqui uma bela e honrosa apreciação ao livro *Impressões do Japão*:

"Combien vous avez su saisir et condenser tout l'âme d'un peuple en quelques pages! Cela pourrait rendre un écrivain jaloux s'il n'était même temps fier d'être votre ami! Votre sincère et fidèle ami, Stefan Zweig".

De vez em quando eu interrompia a minha leitura para contemplar os inúmeros objetos de arte, tão familiares a meus olhos, que expressavam de modo eloquente o apurado gosto de Cláudio de Sousa, eterno enamorado das coisas belas da vida...

Nesses instantes, D<sup>a</sup>. Luísa, sempre com os olhos marejados de lágrimas, começava a sua triste narrativa.

Disse-me que seu marido se levantava habitualmente às seis horas da manhã e que às sete subia para o gabinete de trabalho, onde, quase sempre em sua companhia, dava início às suas atividades intelectuais, que só terminavam ao meio dia.

A essa hora ele descia para o almoço. Sua refeição era geralmente sóbria. Não manifestava predileção por pratos especiais. Dir-se-ia, repetindo Machado de Assis, que seu estômago não tinha aspirações nem saudades.

A despeito de seu intenso labor espiritual, não deixava nunca de responder às

## CLÁUDIO DE SOUZA

Por ARTUR TORRES

cartas e cartões que recebia diariamente, bem como de agradecer os livros e artigos que lhe eram enviados em grande número.

E quando ignorava a residência dos respectivos remetentes, mostrava-se logo irrequieto, diligenciando por descobri-la.

Certa vez enviou-me um cartão, que bem demonstra esse seu espírito de requintado cavalheirismo e fino trato, hoje tão pouco comum entre os nossos intelectuais.

Aqui está o seu cartão, que conservei com muitos outros que dele recebi:

"Meu caro Amigo Artur Torres:-

É para mim verdadeiro suplício não poder enviar um agradecimento a quem me oferece um livro, sem lhe pôr o enderêço. Isto é comum, entretanto, e deixa-me em palpos de aranha.

Agora o caso sucede com o Renato Lacerda, que me ofereceu um exemplar de seu livro sobre o B. Lopes.

Tenho procurado em vão seu enderêço, e como é assina o prefácio datando-o de Niterói, venho pedir-lhe o favor de fazer indagações e me dar parte do seu resultado.

Creia-me muito seu amigo,  
Cláudio de Souza."

Contou-me ainda D<sup>a</sup>. Luísa que Cláudio de Sousa era um verdadeiro anfitrião. Sentia-se feliz quando recebia a visita de confrades e pessoas amigas que com ele almoçavam ou jantavam.

Havia domingos em que reunia em sua residência para mais de trinta pessoas. E ele, prazenteiro, a todos dividia as suas atenções e o seu carinho. Em casa era muito alegre, cantava e dançava.

Como Garrett, também gostava de trajar com apuro e de frequentar as reuniões mundanas.

Não perdia as boas peças teatrais, os bons filmes e sobretudo as comédias francesas.

Em Paris, aonde ia frequentemente, não dispensava as boites e os cabarets famosos.

Alma de esteta, apreciava o belo em todas as suas manifestações.

Seu gabinete de trabalho era também um verdadeiro museu de arte. Entre os muitos objetos preciosos, que ali se viam, em harmoniosa distribuição, lembro-me de um grande oratório de madeira, trabalhado em relêvo, que D. Luísa supõe ter sido obra do Alejandino. Essa reliquia era conservada com especial cuidado pelo escritor.

No segundo lance do salão, iluminado por vistoso lustre que pertenceu ao Paço Imperial, encontravam-se artísticos jarros do Egito, medalhões, estatuetas de alabastro, cadeira em estilo manuelino, uma águia de bronze que pertenceu a Na-

poleão, além de lindos tapetes orientais.

Ao fundo, e completando os encantos desse ambiente tão sugestivo, deslumbranos a vista um grande vitral francês, com figuras representativas de um quadro de sua famosa comédia *Flores de Sombra*, mais tarde vertida para o italiano.

Todos esses valiosos objetos, bem como a riquíssima biblioteca, foram por D<sup>a</sup>. Luisinha oferecidos à Academia Paulista de Letras, de que Cláudio de Sousa era um dos fundadores, e se encontram a enriquecer o salão que tem hoje o seu nome, como justa homenagem.

A certa altura de nossa palestra fomos despertados com a presença de uma senhora de cabelos grisalhos, que nos servira delicioso café.

Era a D<sup>a</sup>. Maria Custódia da Silva — informou-me D<sup>a</sup>. Luisinha — "a encarregada das roupas de Cláudio. Veio de Portugal há 24 anos e está em nossa companhia há 19. É como se fosse uma pessoa de nossa família".

D<sup>a</sup>. Maria Custódia, meneando afirmativamente a cabeça, acrescentou com voz tristonha:

"É verdade. E meu patrão foi sempre muito bom, muito delicado e atencioso. Nunca o vi mal humorado..."

Terminado esse depoimento tão singelo e sincero, que não podia deixar de ser aqui registrado, recomencei a minha palestra com D<sup>a</sup>. Luisinha.

Contou-me ainda ela que Cláudio de Sousa, desde criança, era fervoroso devoto de Nossa Senhora de Pompéia, em cujo louvor já tinha mandado construir três igrejas: uma em Santos, outra na Vila Pompéia, em São Paulo, e a terceira no subúrbio carioca de Ricardo Albuquerque.

E em seu testamento o escritor destinara a importância de seiscentos e sessenta mil cruzeiros para que, em uma das igrejas de cada Capital brasileira e no Território do Acre, seja erigido um altar em honra e louvor da Santa de sua devoção.

Ao adoeecer, pressentindo certamente a gravidade de seu estado e óuendo preparar o espírito de sua dedicada companheira, disse-lhe em tom carinhoso:

— "Que bom se morrêssemos juntos".

Como D<sup>a</sup>. Luísa começasse a chorar, ele acrescentou sorridente: "Eu não vou morrer; ficarei sempre com você."

Na casa de saúde do Dr. Genival Londres, para onde se transportou a conselho de seu médico assistente, Cláudio de Sousa veio então a falecer, vitimado por colapso cardíaco.

Suas últimas palavras foram estas: "Levante-me a cabeça; sinto-me muito aflito."

E assim desapareceu para sempre esse grande vulto de nossas letras, "perduriário de beleza" que espalhou pelo mundo as suas obras encantadoras, com tanta prosaio como as estrêlas no firmamento...

— O O O —